

Annibal Soares



Chronica

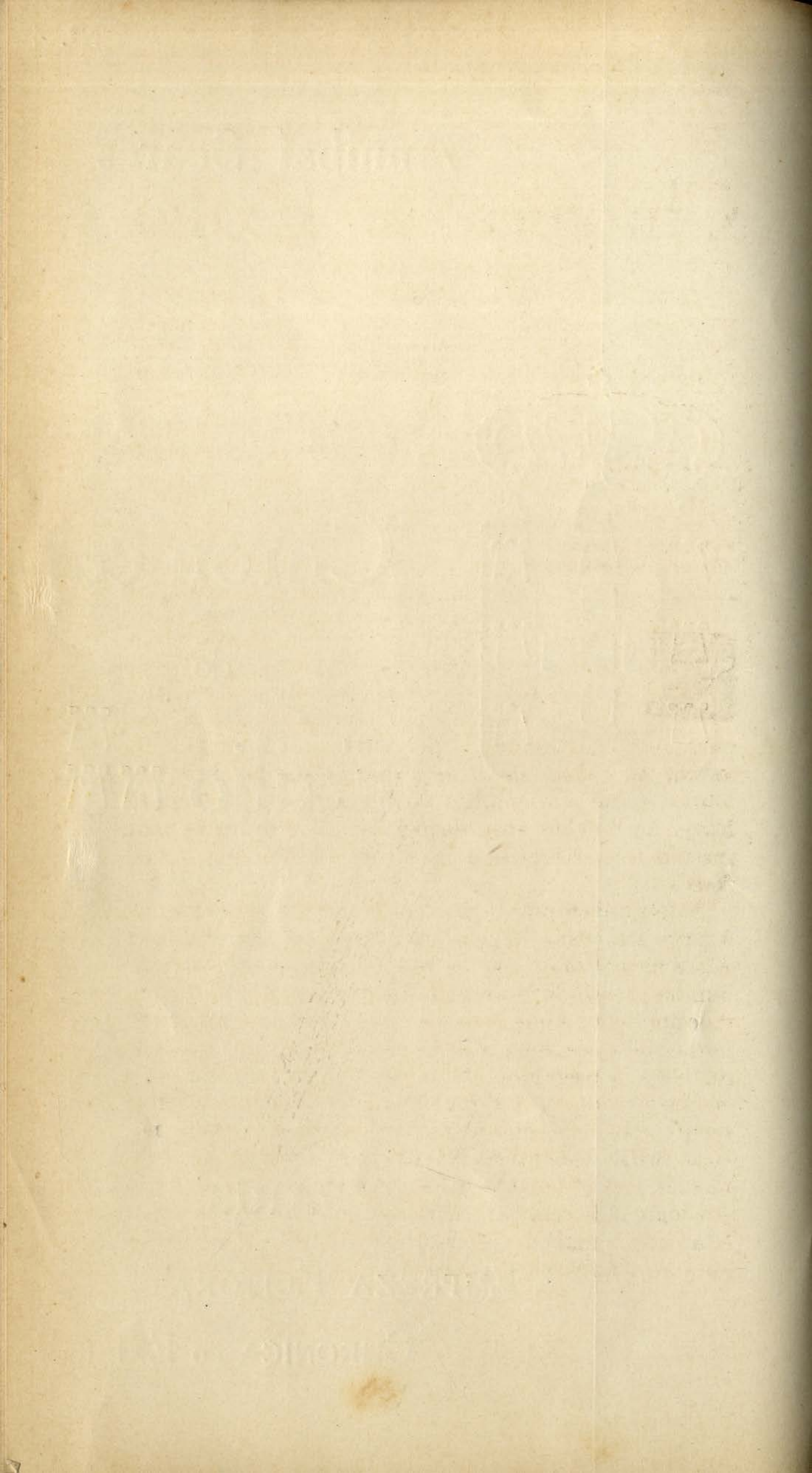
do

Exilio 

PARIS

EMPREZA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"



Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno	Fr.	14 »
	Semest.re	—	7.50
	Numero avulso	—	0.30

SUMMARIO :

Dos paradoxos da Republica : um parallelo.

O clero e a Republica.

" Fides servata ".

De como o sr. Affonso Costa escapou a Shakespeare.

Velha phobia impotente.

A Igreja depois da Republica.



E Santo Agostinho não chegou afinal, como parece, a proferir o tradicional *credo quia absurdum*, é que não lhe soffreu a paciencia de retardar por alguns seculos a sua passagem no mundo ; pois tivesse o venerando auctor da *Cidade de Deus* apparecido em tempo de vêr em acção a Republica portugueza, e não sómente havia de crêr no absurdo por ser absurdo, mas nem mesmo tornaria mais a acreditar aquillo que o não fôsse.

A Republica mantida exclusivamente — ao menos á primeira vista — pela submissão do exercito, *que não é republicano*, que os republicanos sempre amesquinham e maltrataram, no poder ainda mais do que na opposição, e que com o simples ensaiar d'um gesto poria tudo aquillo a dar ás de Villa Diogo, desde o ministro perseguidor até o carbonario façanhudo — eis um paradoxo. A Republica mais ou menos abertamente repellida, desafiada, hostilisada e contida nas suas furias epilepticas apenas pela corporação cujo mestér é exactamente o menos marcial, cuja função é a mais indefesa, cujo caracter é por natureza e por educação o mais docil e soffredor n'uma sociedade — eis outro apparente paradoxo, dos muitos que Por-

tugal vem offerecendo á consideração dos curiosos desde que a revolução o remexeu.

Se todas as classes sociaes se houvessem collocado deante da Republica e dos seus energumenos com a firmeza, o desassombro, o desinteresse e a calma dignidade que á face d'elles tomou o clero, considerado no seu conjuncto — a obra de tyrannia, de desolação, de lucto e de miserrima ruina que se vem effectuando no paiz á sombra unicamente da timorata e resignada condescendencia collectiva, nunca teria sido possivel.

A Republica, tal como é, não teria durado um instante mais, a terra patria não se teria ensopado em tanto sangue e em tanta lagrima, o sol de Portugal não veria crescer, em cada hora mais enraizada, a planta exotica do odio, o paiz não se encontraria n'este momento devastado e exangue, na alternativa fatal da revolução ou da morte, se o official no seu quartel, rodeado de espingardas e canhões, temido, senhor da força, arbitro dos successos, se inspirasse *por vinte e quatro horas* nos mesmos sentimentos d'independencia, d'abnegação, de coragem civica e moral, d'indifferença ao perigo, de respeito proprio e do decoro profissional, que durante *mezes sem conto* teem animado e sustido o humilde cura d'almas no seu presbyterio remoto, ora assoberbado d'ameaças ora cumulado de seduccões, hoje assediado pela fome, tenteado amanhã pelo suborno, depois aggreddido, enxovalhado, vexado, escarnecido e em todos os momentos abandonado inerme á sanha estúpida e má das cáfilas de malandrins que revestidos ou não d'auctoridade official infestam as nossas villas e aldeias — e em todo o caso resistindo sempre, preferindo a miseria á degradação, preferindo o carcere e o exilio ao protrahimento d'um dever que é sagrado perante os altares de Deus, como o dever do militar o é perante o altar da Patria !

O que quer a Republica do padre? Que elle a sirva? Que elle lhe pague um tributo? Ao contrario : sómente que elle lhe accete uma pensão. E porque esta pensão é offerecida em condições deprimentes, e porque a sua

acceitação importa o reconhecimento d'uma lei affrontosa para a religião catholica e para o seu sacerdote — o padre recusa.

Do militar, o que lhe exige a Republica em troca do exiguo soldo? Que elle a sustente, que elle a defenda com o seu corpo e com o seu sangue, que elle organise a *caça ao homem* pelos montes e valles das regiões onde os raros que não emigraram conservam ainda um pouco d'energia e de pureza para quererem sobrenadar n'esta geral subversão do valor e do character; que elle proteja e ampare os seus bandos de caceteiros e d'assassinos; que elle guarde de bayoneta armada e de morrão acceso a sala do festim onde uma multidão d'ineptos e de grotescos, simples vadios de hontem, está saciando a sua fome canina sobre as derradeiras migalhas arrancadas á miseria d'um povo, sobre as rapaduras ultimas d'um thesouro condemnado a fallencia fraudulenta; que elle, em simulacros de julgamento sobre cujos auctores e cúmplices ha-de recair — depois da justiça dos homens — a sentença tremenda da Historia, interne a trouxe-mouxe, sem provas nem indicios, nas cellas penitenciarias e nos lobregos presidios, pobre gente inconsciente, de todo em todo alheia ás accusações que lhe imputam, e honrados e generosos portuguezes, que podem ter querido tentar n'um esforço supremo a libertação e salvação do seu paiz; que elle emfim, seja não só uma testemunha passiva e indifferente mas um activo e indispensavel collaborador na tarefa sinistra do aniquillamento d'um povo, que é a obra verificada da Republica. E o militar, *que não é republicano*, o militar cuja missão é defender e proteger a Patria, o militar cuja função ha-de desaparecer com a nacionalidade, ao passo que a do ecclesiastico sobreviverá enquanto perdurar a Igreja — o militar acceta e submete-se e vae andando, abrindo aliás com a sua espada o caminho... de quê? o caminho da indigencia!

Eis a Cruz arvorada em signal de valor civico, enquanto a Espada se transforma em symbolo de mansidão !...

E é acaso porque a dignidade do clero se encontre mais aggravada pela Republica do que o brio militar? Porventura as *associações cultuaes*, fiscalizando o culto, vexam mais o sacerdote do que as *commissões carbonarias* humilham o official, vigiando-o e superintendendo no quartel? Acaso a disciplina da Igreja, defendida por uma organização extranha ao Estado, se encontra tão eficazmente atacada e tão profundamente subvertida pela acção directa, voluntaria e consciante dos poderes publicos? Acaso vale o mesmo que a expulsão d'um parochio da sua freguezia esteja dependente da má-vontade de meia duzia de *livrespensadores* da povoação, ou que a situação d'um coronel á frente do seu regimento, que a acção d'um official no seu quartel, a sua propria permanencia nas fileiras, se encontrem á mercê do consentimento dos « patriotas » do bairro, ou até mesmo da benevolencia dos soldados carbonarios que elle nominalmente commanda?...

Porque é então que este se amolda e aquelle resiste?

Esta radical differença na maneira como sentem e observam o dever individuos pertencentes á mesma sociedade, filhos da mesma raça, educados no mesmo meio, é portanto susceptivel de vir a desorientar mais tarde o estudioso, conforme impressiona e desconsola os contemporaneos. Mas o que não surprehenderá nenhum vindoiro leitor da historia da Republica, é que esta (mesmo admittindo que a Republica fôsse d'algun modo viavel em Portugal) se tenha condemnado a mil mortes desde que, exorbitando do campo propriamente politico, se constituiu em adversaria do culto catholico e de todo o sentimento religioso, offerecendo ao bom-humor do Destino este dilemma picaresco — *ou o catholicismo ou a Republica* — e ligando a sua sorte aos resultados, que não podem ser duvidosos, d'esta batalha desigual.

É por isso que a attitude dos padres que se recusam a pactuar com a Republica, a receber-lhe o subsidio e a reconhecer-lhe a lei ignobil da separação, ainda que não fôsse mais alevantada e mais nobre do que a

da pequena minoria dos seus collegas que se deixaram seduzir pelo magro engodo da pensão immediata, seria pelo menos mais intelligente e mais previdente.

Para que estes ultimos ganhassem o seu indecoroso jogo, far-se-ia mistér que no conflicto aberto entre o snr. Affonso Costa e o catholicismo vencesse o snr. Affonso Costa... Pelo contrario, os outros estão seguros de ser *os ultimos a rir*, desde que na desproporcional contenda de que se trata acabem por triumphar o sentimento e a organização religiosa. Ora o sentimento religioso e a Igreja triumpham sempre nos prelios d'esta natureza. Veem triumphando constante e inalteravelmente ha perto de vinte seculos, desde a Roma de Nero até á França de hoje, e nunca tiveram adversarios tão insignificantes como os que n'este momento se lhe ant'olham a um canto da peninsula iberica... Aceite este principio, que a eloquente lição da Historia de todos os tempos, não permite refutar, evidente se torna que os sacerdotes indignos que envergam a libré de serventuarios da Republica, enfiam com ella uma *camisa de onze varas* de que nunca mais se desembaraçarão.



Comquanto a negação de Deus — pelos menos como expressão da ideia rudimentar d'uma Força maravilhosa e adoravel, creadora, ordenadora e dirigente do universo — se me afigure um absurdo logico e sentimental, é incontestavel que o mundo tem conhecido alguns grandes homens reluctantes, quando mais não seja em apparencia, á fé divina. Aliás, quasi todos elles acabam por converter-se, no ultimo quartel da vida senão no leito d'agonia, e não são raros os que então, se lhes chega o tempo para tanto, se lançam no mysticismo. « A fé — escreve Le Bon — muda d'objecto mas não morre nunca. Nem poderia morrer porque a necessidade de crêr constitue um elemento psychologico tão irreductivel como o prazer ou a dôr. A alma humana tem horror á duvida e á incerteza. Por

vezes o homem atravessa phases de scepticismo, mas nunca se demora n'ellas. »

Porém e de todo o modo, só os individuos de espirito estreito, de mentalidade inferior ou viciosa, os aberrativos, os degenerados, os mattoides, os *détraqués*, os amoraes — essa massa azeda que, de resto, constitue sempre a base dos partidos revolucionarios — é que se entregam a esta occupação simultaneamente estúpida e irrisoria, que seria inutil se não fôsse nociva, de perseguir com raiva e pretender violentamente asphyxiar nos outros o sentimento religioso, commum a todas as pessoas normaes ; — tão commum, que Burke não duvidava mesmo definir o homem como *um animal religioso*. E seja que não seja, e embora no mundo não existisse mais do que um só ente possuidor do bem inestimavel de crêr n'uma justiça incontingente e sobrehumana, n'uma vida eterna de reparação e de bem-aventurança — comprehende-se que apenas os perversos ou os maniacos poderiam tomar a peito arrancar a esse homem unico, e mais ditoso do que todos, um tão bemdito privilegio da sua illusão !...

A sciencia ainda nos não deu, e parece ser impotente para nos dar, a Verdade primeira. Mas que o não fôsse — tambem não são as verdades scientificas que regem a alma e que ditam a moral dos homens, são os sentimentos ; ora os sentimentos são de natureza subjectiva, e por isso as verdades subjectivas hão de sempre influir mais profundamente na conducta do homem e na physionomia das sociedades do que as verdades reaes.

Que importava que Deus, expressão do sentimento religioso, não existisse na realidade? Basta que exista nas almas para ser uma verdade, e uma verdade mais poderosa do que todas as realidades tangiveis.

Fôsse a crença muito embora uma illusão, que maior attentado contra o bem da Humanidade, do que aquelle que buscasse dissipal-a — se as illusões são o nosso mais doce patrimonio, e, por assim dizer, a fonte unica da esperanza, dos grandes pensamentos

e das grandes acções? « Da infancia á morte — escreve um psychologo contemporaneo — a illusão envolve-nos. Não vivemos senão por ella, e não é senão a ella que buscamos... A vida é cheia d'illusões necessarias. » E já no seculo XVI Bacon observava : « Alguem põe em duvida, que se expulsassem do espirito do homem as vãs opiniões, agradaveis esperanças, falsas estimações, a imaginação das coisas segundo o que a cada um apraz, e assim por diante, o espirito d'um grande numero de pessoas ficaria como pobre coisa succumbida, cheio de melancolia e de desgosto, e fastidioso a si proprio?... »

Se Deus fôsse uma criação de homem, que portentosa criação ! Ella attingiria como ideal ethico a perfeição mesma, excederia em belleza e em engenho todas as concepções da arte e todos os inventos da sciencia : e tentar aniquillal-a seria querer pulverisar a mais estu-penda obra do genio humano !

E' por isso, pois, que o *Livre-Pensamento*, considerado na sua verdadeira funcção d'elemento de lucta activa e violenta contra a fé religiosa, não tem na sua genealogia um unico antepassado illustre ; as *sessões solemnes* das suas tribunecas — animadas, aliás, por um mysticismo d'outra especie — limitam-se a celebrar publicistas mais ou menos especulativos, philosophos que raciocinavam ao longo dos tratados sobre a sua descrença ou sobre os erros da Igreja, alguns mesmo deistas como Voltaire ; sabios como Galileu, tendo tido com a Igreja differendas absolutamente alheias á questão fundamental da fé ; e então uma turba-multa de mediocres ou de alienados, que são os que teem vindo para a brecha, sobretudo nas epocas revolucionarias, com o fim de esmagar á *má cara* o sentimento religioso... que invariavelmente são d'esses combates mais fortalecido.

Mas por isso tambem é que é justo e natural que pretendam aniquillal-o as creaturas da estofa d'aquella que no nosso paiz incarna e dirige o movimento anti-religioso.

Esse homem, na sua terrivel pequenez, deveria

ter sido inventado por Shakespeare. Era elle, o buffão-tragico, quem merecia ter dado vida — a vida ficticia do theatro — á figura monstruosa d'um prescito moral, vagueando á margem da humanidade commum, refocilado em todas as abjecções, despojado pela caprichosa natureza de todas as noções e sentimentos d'ordem ethica, d'ordem social, d'ordem esthetica, politica, juridica, que distinguem o ser racional e animam, vitalisam e fazem a harmonia das suas collectividades ; portanto odiando tudo isso, como a toupeira odeia a luz que não gosa, como o sapo odeia o astro, como o corcunda odeia o homem valido. Depois, por uma d'aquellas extravagancias em que era prodigo o genio imprevisto do bizarro dramaturgo, que encontrava para a tragedia a fatalidade grotesca, elle poria este aleijão, roido de rancores, á frente d'uma sociedade constituida e calma ; e o espectador vel-o-ia, tomado d'uma alegria feroz e dolorosa como a dos sadicos, absorvido então na tremenda tarefa d'abalar, destruir, arrasar, precipitadamente, raivosamente, como quem arde nos fogos d'uma vingança iniqua, tudo quanto fez a sua inveja e o seu desespero, tudo quanto constitue o fundamento do que existe, tudo quanto no aggregado humano representa a floração magnifica d'aquelle senso moral ou d'aquellas ideias justas que a sua idiosyncrasia não comporta — a religião, a familia, o pudor, a castidade, o prestigio dos mais velhos ou dos mais cultos, o amor das tradições patrias, a distincção entre o *meu* e o *teu* ; — e da sua garganta sairia um som inarticulado e rouco, o grito surdo da animalidade inferior, viscosa e peçonhenta, contra tudo o que contém um pouco de belleza, um pouco de grandeza, um pouco de virtude, um pouco d'ideal...

A personagem que não occorreu ao genio de Shakespeare, incubou-a e deu-lhe um palco a Republica portugueza.



Como quer que seja, na verdade não é o sentimento religioso nem a Igreja catholica quem ha-de sair

derrotado n'este minuscuro assalto, commandado por desfolegados generaes. O catholicismo [tem escapado a arremessos d'outra importancia, sem falar já nas perseguições romanas, que fôram a causa immediata da sua expansão, nem nas invasões dos barbaros, que elle converteu e lhe déram ensejo ao merito — tão celebrado, entre outros, pelo positivista Littré — de salvar e conservar atravez da idade-media a obra da civilisação, nem nas dissidencias que fôram em certo tempo (quando fôram alguma coisa) o seu melhor tonificante.

O que n'este capitulo da revolução, como em varios, se tem passado em Portugal, não é mais do que uma parodia, em reles, d'aquillo que se fez na revolução franceza e n'outras. Imagina-se estar vendo representar n'um barriacão de feira uma peça celebre — e já universalmente pateada.

A revolução de 89 teve por tal maneira a preocupação dominante de abolir o christianismo, que já um grande historiador quiz vêr, na conflagração europeia a que ella deu logar, uma simples *guerra religiosa* (*). Este conceito é evidentemente exagerado, mas tem um fundo de verdade; em algumas partes, e nomeadamente em Portugal, não foi a Maçonaria que aplanou o caminho aos exercitos de Napoleão e os festejou, sob pretexto de que o invasor nos vinha metter no corpo, á bayonetada, os principios da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade?

Um convencional, antecessor do snr. Affonso Costa na clarividencia e no senso politico, declarou um bello dia: « Nós somos uma Convenção; temos o poder de mudar a religião. » E sobre esta sentença deitaram mãos á obra. Propunham-se a principio (como o snr. Hygino de Mendonça nas « Novidades ») « regressar aos tempos apostolicos em que o povo elegia os seus pastores »; confessavam-se animados « do verdadeiro espirito do Evangelho ». D'ahi veio a constituição civil do clero, depois a exigencia do

(*) SCHLEGEL. *Philosophia da Historia*.

juramento — que era, sob o ponto de vista da disciplina ecclesiastica, a armadilha a que corresponde agora a *questão das pensões*. « Espera-se que a grande maioria do clero obedecerá » — escrevia um revolucionario a Mercy. A grande maioria porém desobedeceu ; e d'aquelles ainda que juraram, a quasi totalidade retratou-se, logo que Pio VI condemnou solemnemente a constituição civil.

Depois imaginou-se o *culto da Razão* ; aboliu-se o domingo, supprimiram-se os santos. Apearam-se os sinos, « breloques do Padre Eterno » ; nos theatros, em peças *ad hoc*, ridicularisava-se o rito catholico, parodiavam-se missas cantadas. Delegados da Convenção iam ás provincias instituir o culto civico e fazer saber ao povo que os padres não passavam de « arlequins e palhaços vestidos de negro, que mostravam *marionettes*. » Queimavam-se as imagens, roubavam-se as pratas das igrejas. Os padres são despojados do seu *munus*, expulsos dos presbyterios ; Fouché — que, como os nossos jovens anarchistas intellectuaes, havia de acabar em policia — publicava em Nevers um edital, declarando « a morte um somno eterno » e nada mais ; em Lyon, dava-se agua aos animaes pelos vasos sagrados ; e entretanto a Curia hesitava, receando provocar com decisões extremas uma maior catastrophe. Pio VI, escreve um auctor, « gemia sem fulminar ». (*)

E depois? Depois, ao cabo de tudo e como sua fatal consequencia, uma renascença catholica prodigiosa. « Uma especie d'embriaguez religiosa ganha as altas classes, outr'ora tão impias, como os camponezes, hontem na apparencia indifferentes. » Debalde se pretende obviar-lhe com a *religião theophilanthropica*, com o *culto decadario* e outras irrisorias invencionices : é a fé catholica que explode. Quando os padres veem retomar conta dos seus altares, o regosijo publico torna-se em delirio. E' quando o protestante Mallet declara : « As perseguições resuscitaram a religião ».

(*) L. MADELIN. *La Révolution*.

O ministro da Prussia observa que « nunca a sêde de religião se fez sentir com tamanho ardor » ; as eleições do anno V, feitas nas aldeias sobre esta questão — *se os sinos cantariam* — decidiram que sim. E cantaram, alegre e ruidosamente.

No mesmo paiz, por occasião da revolução de 1830, decidiu-se mais uma vez *acabar com o catholicismo*. Os templos fôrão profanados, as casas religiosas assaltadas e saqueadas, derrubaram-se as cruzes pela provincia, os padres eram injuriados, aggedidos e expulsos das igrejas, das quaes raras se ousava abrir ao culto. « A velha religião está radicalmente morta », escreve Henri Heine ; e Luiz Veillot disse mais tarde, referindo-se a esta época : « Eu acreditava então de boa mente que o christianismo estava morto. »

E que succedeu? Succedeu... o que o snr. Thureau-Dangin refere nas seguintes palavras : « O catholicismo, pouco antes proscripto ou, o que é peor, esquecido, reaparece de repente com um brilho incomparavel e até com uma popularidade como havia seculos não tinha conhecido igual » ; emquanto Tocqueville, pela sua parte, nos fala do « movimento geral de reacção, que arrastava os espiritos para as ideias religiosas. »

Tambem os revolucionarios hespanhóes, na sua ephemera e agitada Republica, não esqueceram o dever imperioso de banirem, elles por seu turno, a crença catholica da terra. Tambem elles invadiram e conspurcaram as igrejas, perseguiram os padres, destruíram os symbolos religiosos, romperam com Roma, tentaram fundar igrejas scismaticas e afervorar uma corrente de matrimonios de ecclesiasticos. Mas a questão religiosa, desde que se embrulharam n'ella, foi o que cavou mais fundo as dissidencias entre os proprios republicanos ; foi a razão determinante do ultimo e dissolvente discurso de Salmeron no Congresso. A Republica aluiu, e o sentimento catholico e a Igreja podéram repetir á beira da sepultura d'esse regimen fugaz, como de todos os regimens que teem

feito do anticatholicismo a base da sua existencia :
Les morts que vous avez tués se portent à merveille !...



Eis algumas das elementares considerações historicas e psychologicas proprias para encher d'uma risonha bonhomia os ouvintes da famosa promessa que o snr. Affonso Costa, atochado d'ignorancia e de inepecia até os gorgomilos, formulou aos seus amigos, de *fazer extinguir o catholicismo em tres gerações*.

O snr. Affonso Costa, como todos os outros minusculos e impotentes politicastros que o acompanham na mania degenerativa de *dar cabo do catholicismo*, ha de assistir ainda, na sua vida, ao inevitavel rejuvenescimento da fé catholica em Portugal ; mas esse não será o unico beneficio dimanante das provações d'agora : ellas terão servido, como sempre, para depurar e robustecer os caracteres, para reformar e sanear o pessoal da Igreja ; com o que o Estado só lucrará, porque não póde ser-lhe indifferente a boa hygiene d'uma organisação moral tão vasta e tão poderosa.

A Igreja terá conhecido o valor e a constancia dos seus filhos, saberá a quaes deve cautelosamente afastar, e onde ha de ir escolher os seus bispos e as suas dignidades. Será entre os que tivérem sabido manter na adversidade a coragem e a fé ; os que puderem dizer como *Chantecler* :

Ma chanson s'éleva dans l'ombre et la première.
C'est la nuit qu'il est beau de croire à la lumière!

O que o nosso povo exprime mais chã mas não menos pittorescamente, quando observa que « é de dentro dos ouriços que se apanham as castanhas... »

• ANNIBAL SOARES.

